

POLÍTICA, RELIGIÃO E NEOMEDIEVALISMO: AS DIFERENTES IDADE MÉDIA DA TRADIÇÃO FAMÍLIA E PROPRIEDADE (TFP) E OS ARAUTOS DO EVANGELHO

POLITICS, RELIGION AND (NEO)MEDIEVALISM: THE DIFFERENT MIDDLE AGES OF TRADITION, FAMILY AND PROPERTY (TFP) AND THE HERALDS OF THE GOSPEL

João Guilherme Lisbôa Rangel¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
jglhistoria@hotmail.com

Resumo: Por meio da elaboração que movimentos católicos brasileiros conservadores – Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) e da Associação Religiosa de Fiéis de Direito Pontifício Arautos do Evangelho – fazem da Idade Média, pretende-se compreender como esta última aparece em cada uma das organizações. No caso da TFP, a Idade Média está muito atrelada ao aspecto político de retorno da cristandade medieval, enquanto isso, nos Arautos do Evangelho, o elemento religioso é fundamental para compreender a legitimidade que este grupo alcança para sua atuação. Em ambos os casos, as proposições do neomedievalismo serviram de apanágio teórico para compreendermos a maneira pela qual a Idade Média foi apropriada e (re)criada por cada organização.

Palavras-chave: TFP; Arautos do Evangelho; Neomedievalismo.

Abstract: Based on the elaboration of conservative Brazilian Catholic movements - the Brazilian Society for the Defense of Tradition, Family and Property (TFP) and the Heralds of the Gospel Religious Association of Pontifical Right - make of the Middle Ages, we intend to understand how the latter appears in each of the organizations. In the case of the TFP, the Middle Ages are very much linked to the political aspect of the return of medieval Christianity, while in the Heralds of the Gospel, the religious element is fundamental to understand the legitimacy that this group achieves for its actions. In both cases, the propositions of neomedievalism served as a theoretical appanage for us to understand the manner in which the Middle Ages were appropriated and (re)created by each organization.

Keywords: TFP; Heralds of the Gospel; Neomedievalism

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pesquisador do LINHAS- Núcleo de Estudos sobre Narrativas e medievalismos. E-mail: jglhistoria@hotmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

Introdução

Encontrar os “nossos dragões” é o caminho apontando por Nadia Altschul para pensarmos os elementos “medievais” que são formulados em nosso país². Evidentemente, dragões nunca existiram, contudo, por diversas razões, povoam o imaginário social e estão intrincadamente ligados a uma dada Idade Média. Nesse sentido, a afirmação da autora se dá precisamente na busca, ou melhor, nos estudos e nas análises que caracterizam o neomedievalismo como campo de estudo que compreende todo e qualquer elemento imputado como “medieval” o qual acaba, por esta razão, recriando a Idade Média, seus símbolos e significados em uma sociedade.

Em nosso caso, por intermédio de investigações preliminares de dois movimentos conservadores católicos a *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade* (TFP) e da *Associação Religiosa de Fiéis de Direito Pontifício Arautos do Evangelho*, analisamos como esta Idade Média aparece e quais valores daí decorrem. Como fontes para a investigação, utilizamos para o caso da TFP alguns excertos do jornal *Catolicismo*, publicado desde a década de 1950, bem como trechos dos relatos autobiográficos do fundador Plínio de Oliveira, além de capítulos de seu livro *Nobreza e elites tradicionais* e suporte bibliográfico especializado. Já para os Arautos, nossa pesquisa se concentrou no site da Associação mediante o levantamento de três publicações dedicadas aos santos, cuja cronologia remonta à Idade Média.

É significativo notar que a despeito da conexão histórica entre a TFP e os Arautos, a maneira de representar a Idade Média para cada grupo muda de forma delicada, porém não menos significativa. Para o primeiro grupo, trata-se, entre outras coisas, de reviver uma Idade Média gloriosa mediante a ação política³, já para os Arautos, esta Idade Média aparece atrelada a religião cristã (católica-romana) em

² ALTSCHUL, Nadia e GRZYBOWSKI, Lukas. Em busca dos dragões: a idade média no Brasil. *Revista Antíteses*. Londrina, vol. 13, nº 25, jan/jun., 2020, p. 24-35.

³ Para maiores informações sobre a relação medievalism e política: Gentry, Francis G. and Müller, Ulrich (1991) 'The reception of the Middle Ages in Germany: an overview'. *Studies in Medievalism*. III/4. p. 401. Disponível em: <<http://medievallyspeaking.blogspot.com/2010/04/what-is-medievalism.html>>. Acesso em 25 de Abril de 2021;

seu aspecto multi-temporal⁴, porquanto passado e presente são diluídos mediante a narrativa de santos medievais.

Sendo assim, seja na tentativa de “restaurar” a época medieval, tal como propunha a TFP e seu líder Plínio Corrêa de Oliveira, seja para legitimar sua atuação na sociedade assim como os Arautos, a Idade Média que aparece não é nem a dos historiadores, muito menos a da Europa ou de um suposto “passado” brasileiro. Trata-se de uma Idade Média “nova” a serviço dos grupos que a idealizaram e recriaram em razão de seus interesses e contingências históricas. Como apontamos acima, nisso se debruça o neomedievalismo, o qual nos serve como instrumental para a análise a seguir.

A TFP e o retorno da Cristandade “medieval”.

A época em que a sociedade, saída das ruínas do império romano, retomou uma vida nova e rasgou para a civilização cristã horizontes cheios de grandeza, foi também o tempo em que os Pontífices Romanos deram ao poder político, pela instituição do Sacro Império, uma consagração particular. Resultou daí para a soberania temporal um grande acréscimo de dignidade; e não é duvidoso que as duas sociedades, a religiosa e a civil, tivessem continuado a tirar daí os mais felizes frutos se o fim que a Igreja tinha em mira nessa instituição tivesse sido semelhantemente o que se propunham os príncipes e os povos. E, de fato, sempre que reinou a união entre os dois poderes, viu-se florescer a paz e a

⁴ Dentro do *neomedievalism* ainda é recente reflexões que privilegiem sua relação com a religião. Contudo, há de mencionar que os poucos estudos existentes têm encontrado no Brasil sua vanguarda. Cf. D'ALCÂNTARA, Thamires Chagas. *Hagiografia como legitimação da santidade do apóstolo Valdemiro Santiado de Oliveira (1996-1998)*. 2020. Dissertação (Mestrado) - UFRRJ, Rio de Janeiro, 2020. AMARAL, Clínio de Oliveira and BERTARELLI, Maria Eugenia. Yes! It is possible to think about medievalism and religion: A case study on Pope Francis' 'Urbi et Orbi' mass. *Revista Antíteses*. Vol. 13, nº 26, 2020, p. 97-125. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/40297> Acesso em 25 de Abril de 2021. RANGEL, João Guilherme Lisbôa; AMARAL, Clínio de Oliveira. A religião analisada por meio do medievalism: a narrativa de Joana D'arc pelos Arautos do Evangelho. In: Renan Birro; André Bueno; Renato Boy. (Org.). *Ensino de história medieval e história pública*. 1ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, v. 1, p.53-58.; RANGEL, João Guilherme Lisbôa ; AMARAL, Clínio de Oliveira. A Idade Média Encantada dos Arautos do Evangelho analisada através do medievalism. In: ANDRÉ BUENO; DULCELI ESTACHESKI; JOSÉ MARIA SOUSA NETO; RENAN MARQUES BIRRO. (Org.). *Aprendendo História: Ensino e Medievo*. 1ed. União da Vitória: Edições Especiais Sobre Ontens, 2019, v. 1, p. 11-17.

prosperidade. Elevava-se algum distúrbio entre os povos? A Igreja lá estava, mediadora de concórdia, pronta a chamar cada um ao seu dever e capaz de, por um misto de doçura e autoridade, moderar as paixões mais violentas. De outro lado, caíam os príncipes em algum excesso de poder? A Igreja sabia interpelá-los, e, lembrando-lhes os direitos, as necessidades e os justos desejos dos povos, dar-lhes conselhos de equidade, clemência e bondade. Semelhante intervenção mais de uma vez conseguiu prevenir sublevações e guerras civis (Encíclica "Diuturnum Illud", de 29-VI-1881).⁵

Este trecho da Encíclica escrita pelo papa Leão XIII (1810-1903) pode ser encontrada na publicação do jornal *Catolicismo* de Novembro de 1952. Como se pode observar, a mesma exalta a Idade Média, período em que Sacro Império existia e a Igreja e o "Estado" conviviam "harmonicamente" de modo que "os mais felizes frutos" eram produzidos desta relação. Fundado em 1951 pelo bispo de Campos dos Goytacazes, Dom Antônio de Castro Mayer, este jornal, cuja publicação se mantém até hoje, veiculava os valores conservadores, tradicionalistas e reacionários de um movimento de *reação* católica no Brasil cujo marco pode ser estabelecido no ano de 1916 com a promulgação da Carta Pastoral de D. Sebastião Leme⁶.

O cerne da Carta almejava influenciar a sociedade e as instituições brasileiras por meio de um espírito católico marcado pela leitura antimoderna de mundo. Tal espírito, no entanto, pode ser recuado ainda mais no tempo e remonta ao *ultramontanismo* do XIX que, segundo Jacques Gayer, se consolidou neste período como uma ideologia cuja preocupação era a defesa das prerrogativas romanas, isto é, do papa no Vaticano, mediante uma eclesiologia piramidal de um catolicismo identitário e supranacional⁷. Em outras palavras, tratava-se da defesa dos valores católicos de cristandade em detrimento do Estado Moderno e da própria

⁵ Cf. *Catolicismo*, n.23, novembro, 1952. Disponível em: <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0023/P02-03.html> acesso em 01/05/2021 às 15:03.

⁶ SILVEIRA, Emerson José Sena da. Reacionarismo Católico ontem, hoje e sempre... Os "vencidos do catolicismo na modernidade. In. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópoles, vol. 79, n. 314. 2019. P.545.

⁷ GRES-GAYER, Jacques M. Ultramontanisme In. LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: PUF, 1998. P.1203. Para uma análise dos impactos e controvérsias do ultramontanismo no Brasil do XIX, ver: JUNIOR, Luiz Carlos Ramiro. O conceito de civilização e do discurso ultramontano no Brasil. In. *Ariadna histórica. Lenguajes, conceptos, metáforas*, n.5, 2016. P.69-107.

modernidade o qual foi bem representado tanto pelo Concílio do Vaticano I (1870), quanto pelas Encíclicas *Quanta Cura* (1868) por Pio IX, *Rerum Novarum* (1891) e *Providentissimus Deus* (1893) por Leão XIII⁸. Dessa maneira, os ideais e valores do *ultramontanismo* estavam profundamente arraigados na política editorial do *Catolicismo* que, à época, hospedava as ideias do próprio editor e amigo de Dom Mayer, Plínio Corrêa de Oliveira⁹.

Nascido na cidade de São Paulo em 1908, ainda na juventude Plínio de Oliveira passou a integrar a Congregação Mariana da Legião de São Pedro¹⁰, em 1929, funda a Ação Universitária Católica. Em todos esses espaços e atuações, a movimentação de Plínio de Oliveira dava-se em um mesmo sentido, isto é, no combate às forças progressistas, bem como na transformação política, social e cultural da sociedade nos moldes ultramontanos. Tratava-se de restaurar uma época que havia sido destruída e profanada pelos valores modernos, nas palavras de Caldeira: “*da defesa da união do Estado com a instituição religiosa e da Igreja Triunfante da cristandade medieval (que) levariam aos últimos termos os elementos mais marcantes do ultramontanismo no Brasil*”¹¹. Assim, em seu relato autobiográfico sobre as viagens feitas à Europa entre 1950 e 1952, Plínio de Oliveira afirmava que:

Naquela época eu imaginava haver no Vaticano um ninho de contra-revolucionários colocado nos píncaros da humanidade. A idéia era aproveitar alguns contatos epistolares que tínhamos travado na Europa a partir das indicações do Padre Mariaux nos anos 1940. E ver se nos era possível aproximar dos setores

⁸ Segundo André Chevitarese e Tayná de Maria, estas Encíclicas, ao lado de outros acontecimentos na vertente protestante do cristianismo, mediante a análise do tempo sincrônico contribuíram para formação do que os autores classificaram como “fundamentalismo religioso cristão”. Cf. DE MARIA, Tayná Louise; CHEVITARESE, André L. Fundamentalismo Religioso Cristão: em Busca de um Conceito. In. CHEVITARESE, André L; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio; DE MARIA, Tayná Louise (orgs.). *Fundamentalismo Religioso Cristão. Olhares transdisciplinares*. Rio de Janeiro: Ed. Klíne, 2021. S/P.

⁹ Sobre a relação do pensamento ultramontano e Plínio de Oliveira, ver: CALDEIRA, R.C. *O Influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas e De Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

¹⁰ SILVEIRA, Emerson José Sena da. Op.cit.

¹¹ CALDEIRA, R.C. *O Influxo ultramontano no Brasil...* op.cit. p.56.

diretivos do Vaticano e conseguir da Santa Sé, para o mundo e para o Brasil, uma política mais definitivamente contra-revolucionária, quer do ponto de vista da ortodoxia (para prevenir o progressismo que vinha nascendo), quer do ponto de vista da luta da direita contra a esquerda (para fazer avançar a Contra-Revolução no terreno temporal).

De todos os objetivos, o que nos parecia mais concreto, mais palpável era o dos contatos com a Santa Sé. E nossas idas à Europa foram preparadas na intenção de fazermos de Roma — a Roma eterna dos mártires e dos santos — o pináculo de nossa viagem e, propriamente, o objetivo sumo¹².

A atuação, portanto, não era estritamente religiosa. Como apresenta o relato acima, por um lado, tratava-se sim de angariar apoio para conter o avanço do progressismo no seio da ortodoxia católica, contudo, também se tratava de respaldo político na luta entre “esquerda” e “direita” no campo temporal. Nesse sentido, valores igualitários eram rechaçados, pois encarnavam um desvio da civilização. Ademais, era necessário levar a cabo a contrarrevolução para impedir a proliferação desses valores e restaurar a ordem cristã. Assim, em abril de 1959, na edição de número 100 do *Catolicismo*, Plínio de Oliveira publica uma de suas mais importantes obras cujo título era *Revolução e Contra-revolução*.

Segundo Foresti, esta obra veio a ser tornar o manifesto de fundação da organização leiga criada por Plínio de Oliveira no ano seguinte chamada de *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade* (TFP)¹³. No conteúdo da obra, Plínio de Oliveira demonstra um fenômeno secular que ocorre desde o século XVI, o qual deterioraria os fundamentos da civilização cristã chamado de *revolução*. Assim, Humanismo, Renascimento e Reforma Protestante constituem a primeira *revolução*, a Revolução Francesa constitui a segunda e o socialismo/comunismo a terceira. Como fora dito, os valores compreendidos como igualitários – sobretudo pelas duas últimas *revoluções* – são percebidos como

¹²

Disponível

em:

https://www.pliniocorreadeoliveira.info/Minha_Vida_publica/MVP_10_Viagens_de_1950_1952_Europa.htm acesso em: 01/05/2021 às 16:20.

¹³ Cf. FORESTI, Luiz Felipe Loureiro. *Revolução e contrarrevolução: O mundo lido por Plínio Corrêa de Oliveira e a TFP*. In. *Verinotio- Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*. Ano XII, v.23, nov. 2017. P.294-322.

perversão da ordem sacramental da sociedade a qual só pode ser restaurada através da *contrarrevolução*¹⁴.

Segundo Altoé, por se opor à Reforma Protestante, a Idade Média aparece como período histórico da verdadeira civilização. Assim:

Podemos notar no discurso do fundador da TFP certa nostalgia da Idade Média como uma época em que havia uma perfeita sociedade cristã, sacral e hierárquica. Encontram-se em seus escritos alguns elementos que caracterizam a chamada ideologia de cristandade, ou seja, um pensamento que idealizava um retorno à Idade Média cristã em que um controle eclesiástico das relações sociais e uma cristandade una. Dessa forma, Plínio Corrêa de Oliveira aproxima-se dos círculos católicos que afirmaram o objetivo de ‘restaurar a ordem demolida pela Revolução, ou seja, a cristandade medieval anterior à Reforma’¹⁵.

O apreço, idealização, uso e apropriação que Plínio de Oliveira mantinha pela Idade Média podem ser localizados com muita facilidade em inúmeras publicações do autor¹⁶. Ainda em sua autobiografia, logo após expor seu principal objetivo com a viagem, ele afirma que estava à “procura de um Suserano” nos restos da Cristandade, em suas palavras:

Notem bem: eu não fui à Europa à procura de bases para liderar. Pelo contrário, se a minha viagem tivesse dado resultado, eu teria vindo tendo por cima de nossas cabeças líderes. Líderes civis na esfera temporal, e líderes de alta categoria eclesiástica que pudessem nos dar uma diretriz.

Isto foi o que fui procurar.

Eu estava, portanto, como um vassalo à procura de suserano. E não como um suserano à procura de vassalos. Fui como um peregrino à procura dos restos da Cristandade¹⁷.

¹⁴ SILVA, Filipe Francisco Neves Domingues da. *Cruzados do século XX: o movimento tradição, família e propriedade (TFP); origens, doutrinas e práticas (1960-1970)*. Dissertação (mestrado), História, Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, 2010.

¹⁵ ALTOÉ, André Pizetta. A misoginia medieval reinventada: a aversão ao feminino na sociedade brasileira de defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). In. *Projeto história*, São Paulo, v. 63, Set-Dez, 2018. P.122-123.

¹⁶ Na obra *Nobreza e Elites tradicionais análogas*, esta ode à Idade Média fica ainda mais evidente na medida em que o autor retoma a partir das reflexões e alocações de Pio XII a importância e relevância da Nobreza para a sociedade. Cf. OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Nobreza e elites tradicionais análogas nas alocações de Pio XII ao Patriciado e à Nobreza Romana*. Livraria Civilização, Porto, 1993. Especialmente os capítulos IV, VI e VII.

¹⁷

Disponível

em:

No número 61 de 1956 do *Catolicismo*, isto é, 4 anos antes da fundação da TFP, o apreço à Idade Média, bem como sua função paradigmática fica ainda mais claro no pensamento de Plínio de Oliveira. Em uma matéria intitulada *Fidelidade ao passado e liberdade de ação para o futuro*, o fundador da TFP afirmava que: “a Idade Média representara na história do Ocidente cristão o ponto mais alto, em matéria de influência da Igreja sobre a vida pública, as leis e a cultura”¹⁸. Aqui, o objetivo era refletir acerca do presente (no caso, o ano de 1956 que estava iniciando) mediante uma análise conjuntural da sociedade Ocidental e demais regiões do globo a fim de traçar perspectivas para o futuro. Dessa maneira, como o trecho acima aponta, realizava-se uma ode ao período medieval como passado a ser imitado. Vale destacar, contudo, que esta “imitação” não deveria ser engessada. Nas palavras de Plínio de Oliveira, dever-se-ia separar o “essencial do circunstancial”. A fim de exemplificar, o autor aponta:

Um exemplo para ilustrar o assunto. A Igreja ensina ser obrigação do Estado professar a Religião Católica oficialmente, e organizar-se segundo os ditames do Evangelho. Na Idade Média, os Estados cristãos cumpriram este dever. O mesmo ideal continua a ser o de todos os católicos (...). Mas isto não quer dizer que muitos dos pormenores concretos dessa união - estilos e protocolos, por exemplo - não mudem conforme os tempos e os lugares. (...) Se pois os católicos podem e devem inspirar-se no passado, é para imitá-lo, e não para o copiar servilmente. Neste mudar de ano quer Pio XII que entremos em 1956 com a cabeça cheia da sabedoria da Igreja e da boa inspiração do passado, mas com os movimentos livres¹⁹.

Embora nossa pesquisa ainda seja preliminar, verificamos até o momento (seja pelas fontes analisadas, seja pela bibliografia especializada) que a estima pela Idade Média perpassava as ideias, obras e vida do fundador da TFP. Tal estima e referência paradigmática manteve-se presente dentro da própria Organização erigida em 1960 como instituição de caráter cultural, cívico e filantrópico para

https://www.pliniocorreadeoliveira.info/Minha_Vida_publica/MVP_10_Viagens_de_1950_1952_Europa.htm acesso em: 01/05/2021 às 16:20.

¹⁸ Cf. *Catolicismo*, n. 61, janeiro de 1956. Disponível em: <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0061/P02-03.html> acesso em: 02/07/2021.

¹⁹ *Ibidem*.

combater o comunismo e o progressismo que afetava tanto o Estado quanto a Igreja Católica no Brasil. Segundo Gizele Zanotto, a explicação teológica proposta no seio da Organização atribuía sentido ao plano divino dentro da História e a atuação temporal tornava-se um meio de alcançar a salvação²⁰. Em outras palavras, a atuação temporal da TFP não pode ser desconectada da religião na medida em que esta alicerçava a própria ideologia por trás da ação político-cultural na busca de retorno à cristandade.

Nesse sentido, na luta em prol da *contrarrevolução*, a TFP articulava-se junto a políticos conservadores mediante petições e projetos de lei que atendessem seus interesses junto à Câmara e ao Senado²¹, bem como na realização de manifestações, publicação de jornais, cooptação de jovens e membros da elite para formação de quadros da militância tefepista²². Vale destacar que a ênfase nas “elites” não é ao acaso, ao contrário, coaduna-se perfeitamente à idealização da Idade Média do fundador Plínio de Oliveira, de uma sociedade hierarquizada em que cada indivíduo cumpre sua função²³ (tal como o período medieval) e a nobreza assemelha-se às elites locais mesmo à revelia de um passado medieval tal como o fundador da TFP expressa no trecho abaixo:

A formação de elites tradicionais, com um *tonus* aristocrático, é facto tão profundamente natural, que se manifesta mesmo em países sem passado monárquico ou aristocrático: **‘Também nas democracias de recente data, e que não têm atrás de si qualquer vestígio de um passado feudal, foi-se formando, pela própria força das coisas, uma espécie de nova nobreza ou aristocracia. Tal é a comunidade das famílias que, por tradição, põem todas as suas energias ao serviço do Estado, do seu governo, da administração, e com cuja fidelidade ele pode**

²⁰ ZANOTTO, Gizele. Um olhar panorâmico sobre a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) (1960-1995). In. ZANOTTO, Gizele; COWAN, Benjamin Arthur (Orgs.). *O Pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira e a atuação transnacional da TFP*. Vol. 1. Passo Fundo: Acervo Editora, 2020. P.23.

²¹ Ibidem p.24.

²² Para maiores informações a respeito do funcionamento e atuação da TFP, ver: ZANOTTO, G. *TFP. Tradição, Família e Propriedade. As idiossincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)*. Passo Fundo: Méritos, 2012. Ver também: ALTOÉ, André Pizetta. *Tradição Família e Propriedade (TFP): uma instituição em movimento*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal Fluminense, Ciência Política, 2006.

²³ OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Nobreza e elites...* op.cit. p.53.

contar a qualquer momento'. Magnífica definição do que seja a essência da nobreza, que faz lembrar as grandes estirpes de colonizadores, desbravadores e plantadores, que durante séculos fizeram o progresso das Américas, e que, mantendo-se fiéis às suas tradições, constituem preciosa riqueza moral da sociedade em que vivem²⁴.

Os agentes, portanto, da *contrarrevolução* não são pessoas da “massa”, do “povo”, mas sim “nobres” e membros da “elite”. O esforço tefepista, desta maneira, não é o da evangelização do “não crente”, mas sim um discurso voltado aos católicos no intuito de restabelecer uma sociedade desigual, hierarquizada e católica através da luta política e contrarrevolucionária. Contudo, segundo Zanotto, a ação eficaz para o reconhecimento da TFP junto à sociedade, não se deu, necessariamente em razão da sua ideologia ou ações públicas, mas sim quando ela passou a incorporar símbolos “medievais” que a identificasse, de forma explícita, para o público em geral. Dessa maneira, “os estandartes rubros com o leão dourado (1965) e as capas vermelhas que identificavam os membros da TFP (1969) passaram a figurar com destaque durante as campanhas da entidade”²⁵.

Em vista disso, sugerimos que a Idade Média apreze tanto na TFP quanto no pensamento do seu fundador como uma época de perfeição e ordem a ser restaurada. Segundo Raúl Matta, a própria perspectiva apocalíptica no seio da TFP em sua associação à mística ao redor de Nsra. de Fátima²⁶ transformava Plínio de Oliveira e os demais membros da Organização em “novos cruzados” no combate ao comunismo, progressismo e demais “valores modernos”²⁷. O símbolo do leão dourado representa a combatividade do grupo e a língua de serpente o combate ideológico pelos textos e pelas palavras. Assim, segundo Matta, a imagem de cavaleiros em suas armaduras é comum nos documentos difundidos pela Organização. Finalmente, “les membres de la TFP sont donc des chevaliers (*punta*

²⁴ *Ibidem* p.71.

²⁵ ZANOTTO, Gizele. Um olhar panorâmico... Op. Cit. p.24.

²⁶ O fato de a aparição da santa ter ocorrido no ano da Revolução Bolchevique, em 1917, instando a conversão foi tomado por setores conservadores e reacionários da Igreja Católica como um chamado à luta contra o comunismo.

²⁷ MATTA, Raúl. Tradition, Famille e Propriete: une enquête sul les “croises” du XXIe siecle.). In. ZANOTTO, Gizele; COWAN, Benjamin Arthur (Orgs.). *O Pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira e a atuação transnacional da TFP*. Vol. 1. Passo Fundo: Acervo Editora, 2020. P.39.

de lanza) qui mènent la civilisation catholique vers la victoire comme les croisés menaient l'Occident chrétien vers la reconquête des Lieux Saints"²⁸.

Com o arrefecimento da histeria anticomunista no Brasil na década de 1980, a ênfase do discurso da TFP de combate ao comunismo desloca-se para o combate às ideias igualitárias tal como ações contundentes contra o MST e movimentos indígenas²⁹. Contudo, ainda assim, a idealização da Idade Média com seus valores e “virtudes” continua presente (não à toa é de 1993 a publicação do livro *Nobreza e elites tradicionais*) não apenas na indumentária, mas também no bojo da própria ação política contrarrevolucionária que como apontamos, visava a restaurar uma sociedade atacada pela modernidade. Nesse sentido, a partir dos levantamentos e análises realizados até o momento, caracterizamos a apropriação e construção da Idade Média feita pela TFP e por Plínio de Oliveira como uma “Idade Média política”, isto é, um período a ser imitado e que, salvo aspectos circunstanciais, deveria ser reconstruído através da atuação temporal da Organização e do seu fundador na sociedade.

Filhos malcriados da TFP: Os Arautos do Evangelho

No dia 3 de outubro de 1995, aos 86 anos de idade, morreu Plínio Corrêa de Oliveira em decorrência de um câncer no fígado³⁰. A esta altura a TFP já figurava em dezenas de países e, no Brasil, já contava com mais de 1.800 membros³¹. Dentre eles, destacava-se a figura do sacerdote João Scognamiglio Clá Dias (1939) como alguém muito próximo ao fundador recém-falecido.

Atuante nas fronteiras conservadoras e reacionárias do catolicismo brasileiro desde a juventude, João Clá Dias, em 1956, já integrava o grupo

²⁸ [...] os membros do TFP são, portanto, cavaleiros (*punta de lanza*) que conduzem a civilização católica à vitória enquanto os cruzados conduzem o Ocidente cristão à reconquista dos Lugares Sagrados. Ibidem p.40. Tradução nossa. A afirmação de Matta pode ser corroborada no próprio número 121 do *Catolicismo* de janeiro de 1961. Cf. <https://catolicismo.com.br/Acervo/Num/0121/P01.html> acesso em 02/07/2021.

²⁹ Segundo Raúl Matta em vista desse combate, a TFP funda na década de 1990 o SOS fazendeiro. Cf. Ibidem.

³⁰ Cf. Disponível em : <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/04/brasil/65.html> acesso: 02/05/2021 às 16:33.

³¹ Cf. ALTOÉ, André Pizetta. A misoginia medieval reinventada... op.cit. p.138.

Catolicismo o qual, como fora dito, vinculava as ideais e pressupostos defendidos por Plínio de Oliveira e serviu como base para fundação da TFP. Com o tempo, a proximidade com o fundador da TFP só fez aumentar, bem como as responsabilidades de João Clá dentro da organização, como, por exemplo, no aliciamento de jovens e na organização das casas de estudos³². Todavia, não fazia parte do membro dos grupos fundadores da TFP de modo que, apesar de toda projeção que adquiriu ao longo dos anos na organização, alguns direitos, como, por exemplo, o de voto permanecia cerceado ao sacerdote.

Dessa maneira, em 1997, instalava-se uma longa disputa judicial entre João Clá e os fundadores da TFP na 3ª vara Cível de São Paulo. Basicamente, o conflito dava-se em razão de alguns elementos: a) transformação em congregação religiosa reconhecida pela Igreja Católica; b) abandono da atuação político-cultural que havia marcado o grupo nas décadas anteriores; c) inauguração de uma ala feminina; d) consagração de João Clá a liderança oficial e; e) controle dos bens e dos cadastros de doadores da TFP³³. Em síntese, João Clá almejava maior proximidade ao Vaticano, bem como a ênfase da organização em questões religiosas e não político-culturais. Ademais, também havia a questão da criação da ala feminina e a ampliação da participação dos sócios.

A disputa só foi finalizada em 2012 sendo o resultado favorável a João Clá, contudo, a primeira decisão de 1999 beneficiou os fundadores. Assim, neste mesmo ano de decisão desfavorável, João Clá fundou os *Arautos do Evangelho* angariando cerca de dois terços dos membros da TFP. Vale destacar que, segundo Zanotto, desde 2004, a TFP já vinha sendo controlada de forma velada pelos Arautos do Evangelho os quais fizeram cessar a atuação político-cultural e luta ideológica da organização tanto no Brasil, quanto internacionalmente³⁴.

³² ZANOTTO, Gizele. Os Arautos do Evangelho no espectro católico contemporâneo. In. *Revista de Histórias das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n.10, Maio 2011. p.287.

³³ ALTOÉ, André Pizetta. *A TFP em Campos dos Goytacazes: trajetória política, gênero e poder*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2004, p. 54. Apud. Ibidem p. 289.

³⁴ Ibidem, p. 291. Embora, de fato, a atuação da TFP no Brasil tenha sido praticamente extinta, não verificamos a mesma realidade em outras localidades do mundo, como, por

Assim, na virada do milênio, surgia a *Associação Arautos do Evangelho* que logo se tornaria uma *associação internacional privada de fiéis para o direito pontifício* reconhecida pelo então Papa João Paulo II em 22 de fevereiro de 2001. De lá pra cá, o crescimento da *Associação* foi cada vez maior. Em 2005, no dia 15 de junho, ocorreu a primeira ordenação dos sacerdotes dos Arautos em São Paulo, em 2006, o reconhecimento pelo papa Bento XVI de outras duas sociedades de Direito Pontifício: a) o *Virgo Flos Carmeli* dedicado à formação de sacerdotes; b) *Vida Apostólica de Regina Virginum* para mulheres de vida consagrada³⁵. Além dessas casas, também criaram institutos de estudos teológicos: O *Instituto Teológico São Tomás de Aquino* (ITTA) e o *Instituto Filosófico Aristotélico Tomista* (IFAT), além da criação da *Faculdade Arautos do Evangelho* (FAEV) e do *Colégio Arautos do Evangelho Internacional* voltado à educação básica na cidade em Embú/SP. Atualmente, segundo o site da Associação, os Arautos estão presentes em 78 países³⁶.

Em vista disso, nota-se que na disputa com os fundadores da TFP, João Clá e os Arautos do Evangelho foram muito bem-sucedidos e exitosos em seus objetivos. Ao mesmo tempo em que abriam espaço para atuação feminina, aproximavam-se do Vaticano e mitigavam a atuação política em prol da atuação no campo religioso. Contudo, há de se mencionar que é impossível dissociar a fundação e pressupostos dos Arautos do Evangelho da história tanto da TFP, quanto das ideias de Plínio de Oliveira, as quais, inclusive, foram objeto de pesquisa (ou talvez, veneração) na tese

exemplo, na França. Ademais, apesar de concentrarem sua atuação no âmbito religioso, é possível constar as pretensões de influência cultural que os Arautos têm atualmente. Para atuação da TFP na França, ver: <https://tfp-france.org/>; em relação aos Arautos do Evangelho, ver: <https://www.arautos.org/>.

³⁵ Segundo Silveira “A sociedade voltada à formação de sacerdotes possui três igrejas dedicadas a essa atividade: no Brasil há a igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Caieras, São Paulo; na Itália há a igreja San Benedetto in Piscinula, em Roma, e, no Peru, há a igreja Nuestra Señora de la Encarnación, em Lima. A sociedade feminina possui uma casa central, Casa Monte Carmelo, também na cidade de Caieras. Além delas, a Casa Cenáculo (em Tremembé, São Paulo), a Casa Santa Teresa 9 em Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro), a Casa Santa Jona d’Arc (em Campos, Rio de Janeiro) e a Casa Regina Virginum (na Guatemala)”. SILVEIRA, Emerson José Sena da. *Reacionarismo Católico ontem...* op.cit. p.558.

³⁶ <https://www.arautos.org/secoes/arautos/quem-sao/Arautos-do-Evangelho-136523>

de doutorado em Direito Canônico de João Clá Dias³⁷.

Nesse sentido, no que se refere à Idade Média e toda simbologia, valores e possíveis referências se mantêm, todavia, ao contrário da TFP, que via luta política almejava recriar a cristandade medieval, os Arautos enfatizam sua atuação no âmbito religioso. Com isso, o medievo é apresentado e criado não tanto pela luta política, mas sim mediante a religiosidade seja na arquitetura neogótica de suas igrejas (como é o caso da basílica Nossa Senhora do Rosário, em Caieras/SP³⁸), das suas indumentárias que remontam a ordem militar medieval de Santiago³⁹ ou então das hagiografias e relatos sobre santos que estes apresentam em seu site cujo propósito serve tanto para legitimar a Associação em termos históricos, políticos e ideológicos, quanto para temporalizar o período medieval reinterpretando-o em função de seus propósitos e, por conseguinte, “recriando-o”.

Assim, resta-nos compreender como se constrói esta relação da Idade Média com os Arautos através da religião. Para tanto, nas páginas a seguir, analisaremos três hagiografias apresentadas no site da instituição, são elas: Raimundo de Peñafort (1175-1275), Joana d’Arc (ca.1412-1431) e Catarina de Sena (1347-1380).

Religião e neomedievalismo nos Arautos do Evangelho: as hagiografias de Raimundo, Joana e Catarina.

A primeira hagiografia analisada é a de Raimundo de Peñafort. Este santo cumpre uma série de *topos* hagiográficos tais como origem nobre (*beata stirpe*), predestinação, além de virtudes condizentes com a Ordem dos Pregadores a qual o santo pertencia. Raimundo é apresentado como pobre, erudito, professor e defensor da ortodoxia. Assim, o site dos Arautos afirma que:

Por inspiração, aos setenta anos, Raimundo voltou ao ensino. Fundou dois seminários onde o ensino era dado em hebraico e árabe, para atrair judeus e mouros ao Cristianismo. Em pouco tempo, dez mil árabes tinham recebido o batismo. Foi confessor do

³⁷ Cf. <https://academico.arautos.org/2010/12/o-dom-de-sabedoria-ao-vivo-linhas-mestras-da-tese-de-monsenhor-joao-scognamiglio-cla-dias-ep/> acesso em 02/05/2021 às 18:26.

³⁸ Cf. <http://basilica.arautos.org/> acesso em 02/05/2021 às 18:26.

³⁹ Cf. <https://www.arautos.org/> acesso em 02/05/2021 às 18:28.

rei Jaime de Aragão, ao qual repreendeu pela vida mundana desregrada. Também o alertou sobre o perigo que o reino corria com os albigenses, facção da seita dos cátaros, que estavam pregando uma doutrina contrária e desta maneira conseguiu que fossem expulsos. Era um escritor valoroso, a sua obra, 'Suma de Casos', continua sendo usada pelos confesores.⁴⁰

Menciona-se que Jaime era senhor da ilha de Maiorca, localizada a 360km de Barcelona. Este convida Raimundo para uma viagem até a ilha, todavia, durante a viagem, o "procedimento moral" do rei deixava a desejar e, por isso, Raimundo o repreendia a ponto de exigir que se parasse o barco para que ele, pela fé, pudesse descer e caminhar sob as águas tal como Pedro.

O rei, no entanto, não consente e ameaça o santo de modo que, ao chegar à ilha de Maiorca, este último passou a ser constantemente escoltado. Raimundo, todavia, pede para caminhar sozinho na praia quando tal situação é apresentada:

Sob o olhar estupefato dos soldados, ele estendeu seu escapulário de lã sobre as águas do mar, e nele 'embarcou'. Após agasalhar-se com parte de seu manto, içou a outra ponta ao seu bastão, constituindo uma vela. O resto... foi só invocar o santo nome de Maria, a Senhora dos ventos, de quem era fiel devoto. Um sopro suave, mas veloz, impulsionou o veleiro de Deus e em menos de seis horas ele chegava ao porto de Barcelona, vencendo milagrosamente a distância de 360 km que separam a Ilha de Maiorca dessa cidade espanhola⁴¹.

Este relato deixa clara a atuação de Deus em prol do poder espiritual quando este é confrontado pelo rei, representante do poder temporal. A consequência desta viagem milagrosa é o reconhecimento do rei à autoridade de Raimundo e, portanto, da própria Igreja e dos que dela participam. Nesta parte da narrativa, é importante pensar os papéis da exemplaridade e da moral da história, ou seja, Deus, para provar que o temporal deve se submeter ao espiritual, faz coisas inacreditáveis. Contudo, o importante a ser destacado é a operação narrativa que esta hagiografia serve em pleno século XXI, no momento em que são inseridas em um site altamente elaborado

⁴⁰ <http://www.arautos.org/secoes/servicos/santodia/sao-raimundo-de-penafort-139968> acesso em 02/05/2021 às 18:39.

⁴¹ <http://www.arautos.org/secoes/artigos/especiais/sao-raimundo-de-penafort-um-homem-para-todas-as-missoes-143534>. Acesso em 02/05/2021 às 18:39.

de uma associação religiosa.

Por um lado, existe um aspecto de legitimação da atuação dos Arautos, visto que a vida apresentada de Raimundo de Peñafort enquadra-se perfeitamente aos propósitos e aos objetivos atuais da Associação, seja em razão de seu impulso evangelizador, seja em razão da afeição aos estudos e proeminência do direito canônico. Além disso, há o aspecto da memória, ou melhor, do discurso acerca do passado medieval veiculado no site dos Arautos, especialmente, por meio destas hagiografias que reelaboram a Idade Média com contornos que não podem, necessariamente, serem chamados de “medievais”. Tem-se, portanto, uma “outra” Idade Média. Neste caso, um medievo encantado, espaço de submissão da agência humana aos desígnios da Providência. Uma Idade Média afeita aos Arautos e a sua missão no mundo.

Já em relação à Joana d’Arc vale destacar que a narrativa é apresentada pelo próprio fundador da Associação, João Clá e se conecta ao tempo presente de maneira ainda mais evidente. Em outubro de 2019, a Associação Arautos do Evangelho foi alvo de inúmeras reportagens que os acusavam de abusos psicológico, sexual, dentre outros⁴². Dessa forma, a hagiografia de Joana d’Arc aparece como *exemplo*, aqui entendido em sua acepção medieval, daqueles que são perseguidos injustamente a despeito de sua santidade.

Novamente, os Arautos recorrem ao tempo medieval a fim de plasmarem sua imagem ao período, obtendo legitimidade e, ao fim, corroborando sua atuação no mundo, ainda que sob acusações e críticas. Contudo, para além desses elementos, podemos notar a própria construção da Idade Média operada na narrativa e instrumentalizada, em duas temporalidades: na Idade Média e no presente.

Tal como em Raimundo, alguns *topoi* dos santos medievais como a virgindade, a humildade, a precocidade intelectual, sobretudo, a forma extemporânea em que os santos são, pela Providência, apresentados às suas missões

⁴² Cf [https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/10/27/fundador-do-arautos-do-evangelho-da-tapas-em-jovens-em-novo-video.ghtml]; https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/10/27/fundador-do-arautos-do-evangelho-da-tapas-em-jovens-em-novo-video.ghtml. Acesso em: 02/05/2021 às 18:40.

terrenas são apresentados. Todavia, além disso, João Clá faz questão de demarcar o período em que a vida e os feitos da santa ocorrem, isto é: a Idade Média. Neste momento, o autor afirma que a Inglaterra dominava o território francês e que Joana foi a escolhida por Deus para libertar a França.

Ao contextualizar a França daquele período, o autor explica as características daquele país à época. Sendo assim, afirma que, naquele tempo, a França “feudal”, “do heroísmo e da cavaleirosidade” encontrava-se sob domínio inglês. Mais à frente, ao comentar o episódio do reconhecimento do rei por parte da santa, explica que não havia imprensa ou televisão naquela época e, por isso, Joana não teria como saber quem era o rei francês, contudo, ainda assim, ela o identificou escondido entre a multidão.

Ora, as interferências de João Clá na narrativa de Joana d’Arc demonstram a concepção que este tem sobre a Idade Média, especialmente sobre a França, bem como a relação com o presente que é acionado não apenas como forma de facilitar a compreensão por parte do leitor, mas também como operação narrativa, isto é, o passado está sendo lido pelo olhar do presente e é para este que aquele interessa, por meio do recurso à exemplaridade, tanto da santa, quanto do período que o autor tem por “verdadeiro”.

Joana é condenada como “vil feiticeira” e, assim, conduzida à fogueira. Neste momento, aproxima-se o auge do relato:

Deus, que estivera tão presente em todos os combates dela, agora fazia-se ausente. Na manhã da morte, vestem-na com uma túnica infamante e a conduzem numa carreta, de pé, com mãos amarradas às costas, como se fosse malfeitosa, em direção ao local do suplício. O povo enche as vias por onde ela passa, e no caminho era lido a sentença, toda feita de infames e falsas acusações. Continuando seu trajeto, a carreta chega à praça onde está armada a fogueira. Santa Joana d’Arc desce e caminha em sua direção. Pode-se bem imaginar a perplexidade que invafia(sic) sua alma: “Mas, então, aquelas vozes não eram verdadeiras? Aquelas vozes teriam mentido? Meu Deus, será que minha vida não foi senão um engano? É a Inquisição que me condena! É um tribunal eclesiástico, dirigido por um Bispo, composto por teólogos e por homens de lei... Será que eu não me enganei, ó meu Deus?!”⁴³

⁴³ DIAS, João Clá. *Surpreendente e variadas são as vias da Providência*. 2020. Disponível:

Joana é queimada e na narrativa enfatiza-se toda dor e suplício que ela sofreu. Contudo, enquanto o fogo consumia seu corpo, a santa, enquanto morre, pronunciava: “As vozes não mentiram, as vozes não mentiram”. Aqui, mais uma interpolação do autor que faz questão de explicar o sentido das últimas palavras de Joana, qual seja: embora houvesse um mistério naquilo tudo, Joana não estava mentindo porque cumprira a vontade de Deus. Por fim, Mons. João Clá afirma que após o “sacrífico” da santa, o exército inglês não conseguiu resistir ao francês e que 120 anos depois, a última cidade, Calais, sucumbiu à reconquista francesa. Desta maneira, ele encerra dizendo: “O nome de Santa Joana d’Arc permanecerá como uma saga, um mito, um poema, até o fim do mundo: a virgem heroica e débil, que expulsou os ingleses do doce Reino da França e realizou, assim, a vontade de Nossa Senhora, Rainha do Céu e da terra”⁴⁴. Observemos a maneira que se refere ao reino de França (“doce”). Este, ao contrário da Inglaterra, não se converteu a “heresia” protestante e, durante a época feudal, como fora dito, figurava como espaço do heroísmo e da “cavalheiridade”.

Através da narrativa sobre Joana D’Arc, o fundador da Associação não apenas responde às acusações e às desconfianças que pairavam sobre eles em 2019, isto é, ainda que desconfiem da missão deles, a Providência tem várias vias que podem surpreender. Mas também apresenta sua própria compreensão sobre o período medieval, a saber: uma época de heroísmo, cavalheirismo, milagres, ação direta da Providência, a qual, supostamente, estaria fora do tempo. No entanto, é precisamente por meio da elaboração sobre a Idade Média feita por João Clá, que a Providência sai da eternidade e entra para a história na medida em que sua ação ocorre em um tempo e espaço circunscrito, isto é, o uso que os Arautos fazem de Joana d’Arc (uma santa medieval) para se defenderem das acusações acima mencionadas. Nesse sentido, a Providência inserida na história torna-se historicizável⁴⁵.

<https://www.arautos.org/secoes/artigos/especiais/santa-joana-darc-a-virgem-heroica-143592> Acesso em: 02/05/2021 às 18:40.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Segundo o historiador Alain Boureau tal aspecto, inclusive, é parte constitutiva do próprio

A terceira hagiografia analisada (e a menor dentre elas) é a de Catarina de Sena. Novamente, observa-se uma predileção no site da Associação por santos(as) medievais, bem como a presença dos já mencionados *topoi* tais como prodigalidade, virgindade, além de virtudes “nobres” e “elevadas”, como a caridade e o heroísmo na assistência de enfermos afligidos pela Peste. Contudo, para além desses elementos, o destaque no relato (também escrito por João Clá Dias) é para atuação política de Catarina no “conturbado mundo político de fins da Idade Média”⁴⁶. Segundo João Clá,

Em torno dos Estados Pontifícios, agrupavam-se pequenos reinos, além de várias cidades que constituíam Estados soberanos. A todo momento nasciam novos conflitos, ou recrudesciam antigos. Sem falar nas ‘guerras privadas’ de facções familiares dentro de uma mesma cidade. Muito pior, revoltas de muitas dessas cidades contra o Papa. Este defende-se, fulminando com sentença de interdito algumas delas. Novas revoltas, um verdadeiro caos!⁴⁷

O contexto de “fim da Idade Média” é apresentado pelo fundador da Associação como período de caos que se dá, justamente, pela revolta de cidades, Estados e famílias contra o Papa e os Estados Pontifícios. Nesse sentido, não é exagero sugerir que, para a Associação, a verdadeira ordem e paz social se dá por intermédio do respeito à atuação da Igreja e dos seus santos. Prosseguindo com a narrativa sobre Catarina, o autor afirma que:

Contando só com a força que seu Divino Esposo prometera que nunca lhe faltaria – e efetivamente nunca faltou! –, Santa Catarina foi chamada a intervir em numerosos desses conflitos. Viajando quase incessantemente de cidade em cidade, exerceu um importante papel de pacificadora. Seu principal empenho tinha como meta a glória de Deus e a defesa do Papado e dos Estados Pontifícios.

Toda essa intensa atividade de Santa Catarina foi, sem dúvida, de

cristianismo o qual se funda mais na narrativa e na sua interpretação do que no próprio preceito. Assim, o fato de haver a Encarnação, inscreve a Providência na História e possibilita a inserção de novas narrativas que atualizam, completam e, as vezes, até contradizem o preceito. Tal é o caso, por exemplo, das hagiografias. Contudo, no que se refere o nosso texto, tal afirmação só salienta o aspecto histórico da religião cristã presente em sua própria elaboração dogmática. Cf. BOUREAU, Alain. *L'événement sans fin: récit et christianisme au Moyen Âge*. Société d'édition les Belles Lettres, Paris, 2004.

⁴⁶ <https://www.arautos.org/secoes/artigos/especiais/santa-catarina-de-siena-143650> acesso em: 03/05/2021 às 16:40.

⁴⁷ Ibidem.

grande benefício para a Igreja e a Cristandade. Mas não passa de um simples degrau para aquilo que constitui sua grande missão pública. Sua maior luta foi trazer de volta a Roma a sede do Papado⁴⁸.

Não fica difícil verificar no relato acima os ideais *Ultramontanos* que outrora estiveram em Plínio Corrêa de Oliveira e na TFP, presentes também nos Arautos do Evangelho. Tanto a santidade e a vida de Catarina, quanto a Idade Média aparecem como o período de perfeição social a qual só é possível com a manutenção da Igreja e da Cristandade. O contexto em que a vida de Catarina aparece é o do Grande Cisma, isto é, o momento na história da Igreja Romana e do Ocidente Medieval em que se tinham dois papas, um residindo em Avignon, França e o outro em Roma. O texto afirma que Catarina foi incansável na luta pela “unidade da Igreja” e sustentação do “verdadeiro” Papa, isto é, aquele que residia em Roma (tal como defende o pensamento ultramontano). Assim, o texto encerra indicando a honraria de Doutora da Igreja que Catarina recebeu do Papa Paulo VI e reafirmando o principal ensinamento retirado da vida da santa, ou seja: “a fidelidade plena e íntegra à Santa Igreja”⁴⁹.

Sem se dirigir a possíveis adversários⁵⁰, João Clá e os Arautos reafirmam seu “compromisso” com a Sé romana (e aqui vale relembrar que essa aproximação do Vaticano foi ponto de dissenso com os fundadores da TFP) ao mesmo tempo em que

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Uma outra Associação de linha ultramontana cuja história se cruza com a de Plínio de Oliveira e a TFP, é a Associação Cultural Montfort, fundada, em 1983, por Orlando Fedeli – antigo membro da TFP. Esta associação também faz uma ode à Idade Média, contudo, ao contrário dos Arautos, romperam com a Igreja Romana mantendo-se “fiéis” ao rito tridentino como pode ser verificado no site da própria associação quando afirma: “Sempre seguimos a orientação de Dom Antonio de Castro Mayer, e desta forma estivemos ligados ao rito Tridentino. O centro de nossas atividades é a luta em defesa da Igreja Católica e de seus ensinamentos, contra os erros de nosso tempo, especialmente no que se refere às doutrinas modernistas e suas consequências que se difundiram na Igreja após o Concílio Vaticano II.

O Nome Montfort foi escolhido tendo por base dois personagens. O fundamental refere-se a São Luis Maria Grignon de Montfort, que difundiu o Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem. O segundo é Simão de Monfort que combateu a seita cátara na Idade Média”. http://www.montfort.org.br/bra/home/quem_somos/ acesso 03/05/2021 às 17:12.

amalgama o passado medieval com o presente na medida em que um se refere ao outro. Em outros termos, através da narrativa de Catarina a Idade Média é temporalizada no presente como período de vigência da Igreja e da Cristandade, bem como manifestação da santidade em prol das duas. De igual forma, o conteúdo da narrativa não é mera “curiosidade” ou “análise” do passado, porém informação, ensinamento e exemplo para o presente. Assim, como temos apontado, por meio da religião, isto é, da narrativa sobre os(as) santos(as) da Idade Média, este período é recriado pelos Arautos e aparece no presente a fim de legitimá-los e justificar suas atuações.

Conclusão

Apesar de ser um trabalho inicial, as análises apresentadas sobre a TFP, seu fundador e os Arautos do Evangelho, permitem-nos delinear alguns caminhos importantes de investigação, bem como apontar conclusões preliminares. O primeiro caminho a ser apresentado é a distinção no uso que a TFP e os Arautos fazem da Idade Média e de elementos a ela associadas, como, por exemplo, os santos. Conforme indicamos acima, enquanto a Organização fundada por Plínio de Oliveira condiciona o uso da Idade Média no que chamamos de “político”, visto que mediante o pensamento *ultramontano* esta serviu de paradigma para suas ideias e proposições para o presente, bem como para as ações e luta política contrarrevolucionária do grupo; para os Arautos do Evangelho, a Idade Média aparece em sua dimensão “religiosa” por intermédio da vida e obra de santos que remontam (supostamente) ao período medieval. Tal distinção mostra-se coerente com o próprio percurso histórico que ambas as organizações traçaram. Finalmente, embora sua origem remonte à TFP, um dos pontos de dissenso fundamental levantados pelos Arautos, foi sua retração na luta política (ao menos no sentido institucional) dentro da arena pública em razão de maior aproximação da Sé Romana, enquanto a TFP mantinha seu discurso de recusa da modernidade e ação política na sociedade para conter a *revolução*.

Em relação às conclusões, apontamos para eficácia do neomedievalismo como ferramenta teórica, bem como para sua relação com a religião. Ao nos

concentrarmos no uso, apropriação, construção e criação da Idade Média tanto pela TFP, quanto pelos Arautos, conseguimos delinear alguns porquês e evidenciar uma Idade Média que não é, propriamente, a dos historiadores medievalistas, mas sim aquela que está em perpétuo movimento e diz mais ao presente pelo modo como este a constrói e a utiliza do que ao modo como ocorreu no passado ou mesmo de uma influência sobre o presente.

Já no que diz respeito à religião e aos estudos neomedievais, esta aparece não como uma impossibilidade, mas sim como algo constitutivo da disciplina. Finalmente, conforme demonstramos a religião não se descola de um tempo/espaço a ser apresentado e representado. Este tempo, ao ser descrito como “medieval”, aparece carregado de sentidos, significados e características que não existem por si só, mas são produtos de uma escrita, de uma interpretação sobre a Idade Média a qual ocorre no tempo e no espaço histórico e, por isso, pode e deve ser analisada através do neomedievalismo.

Artigo recebido em 05/05/2021

Artigo aceito em 02/08/2021